



## **O HUMANISMO DE GIAMBATTISTA VICO E SUA APLICABILIDADE HISTÓRICO-FILOLÓGICA COMO VIÉS PEDAGÓGICO INDÍGENA**

\*José Lucas de Omena Gusmão

Mestre em Filosofia pela UFS, Doutorando em Educação pela UFAL, licenciado em Filosofia. Professor do Instituto Federal de Alagoas - IFAL Email: professor\_lucas@hotmail.com.

\*\*Lana Lisiêr de Lima Palmeira

Mestra e Doutora em Educação pela UFAL, bacharela em Direito, licenciada em Filosofia. Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Email:lanallpalmeira@outlook.com.

**RESUMO:** O presente trabalho é uma reflexão sobre o pensamento humanístico do Filósofo Italiano Giambattista Vico e sua teoria da história no contexto pedagógico. Busca-se aprofundar no tema da linguagem, especificamente da filologia, uma análise que seja capaz de pensar a importância da língua como operação pedagógica nas comunidades indígenas. Essa dinâmica pedagógica é apontada no trabalho dentro de um viés crítico positivista, em especial o positivismo clássico de Descartes, e a incidência do conhecimento intuitivo por meio da filologia e a história. Nesse sentido, o trabalho aborda a concepção das “três épocas” da história de Vico como pressuposto para pensar os processos educativos nas comunidades indígenas. Em síntese, o trabalho discute sobre a legitimidade e identidade cultural desses povos em uma investigação de ressignificação pedagógica das práticas que circunscrevem o ensino indígena no Brasil.

**Palavras-chave:** Educação. Linguagem. História. Cultura. Identidade.

**ABSTRACT:** The present work is a reflection on the humanistic thought of the Italian Philosopher Giambattista Vico and his theory of history in the pedagogical context. It seeks to deepen the theme of language, specifically philology, an analysis that is able to think the importance of language as a pedagogical operation in indigenous communities. This pedagogical dynamic is pointed out in the work within a critical positivist bias, especially Descartes' classic positivism, and the incidence of intuitive knowledge through philology and history. In this sense, the work approaches the conception of the "three epochs" of the history of Vico as a presupposition to think the educational processes in the indigenous communities. In summary, the paper discusses the legitimacy and cultural identity of these peoples in the investigation of pedagogical re-signification of the practices that circumscribe indigenous teaching in Brazil.

**Keywords:** Education. Language. Story. Culture. Identity.

## 1. INTRODUÇÃO

Diante das conclamações científicas do pensamento moderno, o filósofo italiano Giambattista Vico reforçou, uma ideia aparentemente anacrônica em sua época, princípios dialógicos para superar os limites da racionalidade em detrimento de uma investida histórica que escapa ao tecnicismo convencional e nos aproxima dos elementos de origem da formação social das comunidades humanas, o que autor deixa claro na sua célebre obra “Ciência Nova”.

Sua pretensão é romper o positivismo clássico, evidenciado por Descartes, e apontar dentro de uma estrutura do pensamento a dinâmica de um processo que olha para a história em uma característica dinâmica e sempre passível de análise, o próprio percurso da obra de Vico admite essa retomada de conceitos, sendo ela mesma uma voz ativa dos pensamentos e conceitos. Dessa forma, “A Ciência Nova”, é consequência de processo que nos situa dentro do projeto moderno e nos coloca em conflito com o fracasso desse projeto, convidando-nos para uma abertura de horizontes na forma de se pensar o curso comum da história e suas nuances no ensino e na aprendizagem, o que exige maturação para novos enfrentamentos.

Vico especula se de fato é possível produzir um conhecimento conforme as regras do espírito, como pensara o positivismo, sem levar em consideração o artífice humano, pois em tal perspectiva, a gnosiologia da “clareza “ e “distinção”, posta pela geometria e matemática cartesiana não se sustentariam pelo fato de serem possíveis mediante a intervenção humana.

Enquanto o cartesianismo anunciava Deus como sabedoria sem precedências, ou seja, aquele que possibilita o mundo, Vico, questiona a posição do homem no mundo, não somente como um ente racional, mas como “protagonista” da realidade posta no mundo civil. Em tais conjunturas, o filósofo de Nápoles, funda uma perspectiva humanista acerca da história e rompe com a posição desinteressada da história disseminada pelo método de Descartes. Essa crítica passa pelo pedagógico, pois o autor esclarece que conceber a razão como única expressão do conhecimento humano pode acarretar problemas intelectuais que afetam a realidade de sociabilidade. A “Ciência Nova” é na verdade o “Humanismo”.

É nessa clímax que esse trabalho busca aproximar um olhar sobre convicções pedagógicas que admitem em sua estrutura interna o imaginário

linguístico e hermenêutico da atividade educativa do imaginário indígena e sua realidade política e social como ônus axiológico de sua legitimidade.

## **2. O HUMANISMO DE VICO**

O humanismo de Vico é engendrado na história na medida em que pensa o homem como ser relacional, ou seja, o homem posto na totalidade de suas relações sociais. Ele se apoia em uma condição epistemológica que limita a capacidade do conhecimento humano quando determina que o homem só possa conceber aquilo do que ele é artífice, ou seja:

(...) de que só se pode conhecer verdadeiramente aquilo que se faz, de modo que um conhecimento total da natureza pela via dedutiva de índole cartesiana é questionável, uma vez que não foi a mente humana que forjou a ordem das coisas naturais, sendo admitido nesse âmbito apenas um conhecimento parcial que se faz pela construção experimental, como admitia Bacon (PEREIRA, 2012, p. 200).

Segundo Vico, a mente humana pode especular erroneamente acerca das verdades das coisas. Como o exemplo do que foi dito sobre a natureza dos egípcios, o autor ilustra que:

A opinião falsa da grande antiguidade dos egípcios deve ter sido criada pela característica da mente humana: a de ser indefinida. Essa indefinição faz com que as questões que não conhece sejam amiúde consideradas como mais do que são na realidade (VICO, 2008, p.31).

Percebe-se que Vico situa teoricamente o homem na história e, dentro dessa condição, o autor da “Ciência Nova” desenvolve um direito da histórica autenticamente antropológico.

O humanismo de Vico aponta que, ao se tratar do mundo da história, o homem é categoricamente e incontestavelmente o seu “senhor”, pois o mundo da história é o mundo dos negócios humanos, que, segundo o autor, compõe todo dinamismo sociável das instituições, religiões, costumes e linguagens:

Todavia, nessa densa noite de trevas de que a primeira antiguidade está coberta para nós, vai aparecer esta luz eterna, que não declina, esta verdade de que não se pode duvidar, ou seja: esse mundo civil foi feito pelos seres humanos, donde se pode e deve descobrir os princípios dentro das modificações da própria mente humana. (VICO, 2008, p. 36).

Nesse contexto, é possível visualizar que a educação indígena não restringe-se ao formalismo, mas que traz dentro do seu universo humanístico elementos que escapam as regras do espírito e da razão instrumental como fora posto pelo pensamento moderno. É importante evidenciar, que se de um lado a educação no Brasil orientou-se para o movimento escolástico, por outro, com Marques de Pombal, ela voltou-se para a pedagogia da ilustração. A contrapartida de Vico encaminhou a teoria da história de Marx como resposta ao movimento filosófico do hegelianismo de direita, o que fez Vico chegar tarde no mundo acadêmico brasileiro, o que se deduz um campo importante para pensar educações periféricas uma abordagem que compreende o pedagógico no movimento da história e na manutenção das linguagens originais, o que aproxima esse trabalho da educação indígena. Não existe um itinerário que leva os homens à lei, nem mesmo a educação pode ser pensada como “introdução” ao universo do pensamento, mas sim como um processo que é um acontecimento. O humanismo chega antes da esfera legal. Existe legalidade porque primeiro existe o homem para conceber o mundo. Nesse sentido, a educação indígena pressupõe um movimento filológico. Ela (educação), para manifestar-se precisa ser “dita”, e o “dito” só é possível na história e nos princípios constitutivos que formam a condição humana.

Por isso, as investidas na linguagem, como profere Heidegger, é substancialmente “a casa do ser”. A etimologia na cultura indígena em consonância com suas diversas culturas é um demonstrativo da sobrevivência da sua cultura, o que traz especificamente o imaginário filológico como mote de investigação e aplicabilidade pedagógica. A língua numa comunidade indígena é a “casa do seu ser”, sua afirmação enquanto grupo e legitimação social e cultural.

## **2.1 A importância da filologia**

Vico discorre sobre uma abordagem da história que na medida em que desenvolve um ensaio acerca da ideia e do fato, une a educação com a filologia, o que solidifica sua proximidade com o humanismo calcado pela linguagem. São os homens que desenvolvem a linguagem no seio da sua cultura. Na gravura da “Ciência Nova” o autor usa de elementos da linguagem, da interpretação simbólica

ao alfabeto fonético como o elo de análise da história, mostrando assim, a interação didática existente entre filosofia e filologia voltada para a imaginação:

“(...) que aproveite o leitor para chegar à concepção da ideia dessa obra, antes mesmo de lê-la, ou lhe sirva mais facilmente a reter na memória, depois de tê-la lido, fazendo uso deste recurso que lhe subministra à fantasia” (VICO, 2008, p.79).

Tal perspectiva viquiana inaugura um novo olhar sobre o método pedagógico. Não há uma separação substancial entre ensino e filologia, mas uma interação. Com isso, é possível problematizar os feitos humanos e natureza das nações antes mesmo de existir qualquer documento escrito. Vico rompe com a filosofia da abstração, fortemente arraigada nas verdades da razão e do conceito, própria do cartesianismo, e busca princípios universais, em que a autenticidade e validade originam-se na explicação acerca da natureza das nações, portanto, uma empresa histórica e humanista. Tem-se nessa lógica o início do que viria a ser os direitos humanos. Esse universo da linguagem está presente na formação cultural dos povos mesoamericanos, especificamente no imaginário indígena, que trazem na sua proposta a manutenção da linguagem como artífice de resistência e legitimidade da sua cultura. Dessa forma, a língua dos povos indígenas do Brasil mostra-nos que existe um universo simbólico que traz dimensões do humanismo que podem se perder no processo de modernização. Um dos meios de preservar esse universo de conhecimento filológico é a educação, um currículo que seja capaz de interagir como os elementos originários dessas culturas, eis a necessidade de estarmos atento ao universo linguístico desses povos:

Há apenas uma língua com pouco mais de 30.000 falantes, duas entre 20.000 e 30.000, outras duas entre 10.000 e 20.000, três entre 5.000 e 10.000, 16 entre 1.000 e 5.000, 19 entre 500 e 1.000, 89 de 100 a 500 e 50 com menos de 100 falantes. A metade destas últimas, entretanto, tem menos de 20 falantes. Em resumo: das 180 línguas apenas 24, ou 13%, têm mais de 1000 falantes; 108 línguas, ou 60%, têm entre 100 e 1000 falantes; enquanto que 50 línguas, ou 27%, têm menos de 100 falantes e metade destas, ou 13%, têm menos de 50 falantes [...]. Em qualquer parte do mundo línguas com menos de 1000 falantes, que é a situação de 87% das línguas indígenas brasileiras, são consideradas línguas fortemente ameaçadas de extinção e necessitadas, portanto, de pesquisa científica urgentíssima, assim como de fortes ações sociais de apoio a seus falantes, que como, comunidades humanas, estão igualmente ameaçados de extinção cultural e, em não poucos casos, de extinção física (RODRIGUES, 1999, p.14).

A filosofia de Vico elucidada os fatos humanos explicando os seus momentos mais substanciais, desenvolve a sua crítica na própria história. Trata-se de olhar o sistema histórico-antropológico em sua totalidade, não se detendo a particularidades, mas analisando os fatos comuns de determinada época histórica como os costumes que geram as instituições e a linguagem que gera o mito e a fábula, temas peculiares da formação pedagógica indígena.

O âmbito da verdade comporta a ideia, enquanto o do certo, o fato. A verdade não está fora, mas ela mesma é factual por trazer em sua essência as evidências da existência humana. Em tal análise, Vico concebe um discurso universal-empírico e conceitual, irreduzível e indissociável. A partir daí, a afirmação viquiana de que a ordem das ideias deve proceder segundo a ordem das coisas é entendida como uma fundamentação lógica que dá conta da história; o processo conceitual da filosofia, embasado na ideia, configura-se na realidade histórica, mantendo a sua substância sem prejudicar a natureza e desenvolvimento das atividades sociais humanas:

Mas porque essa nova abordagem? A resposta é que Vico começa se aperceber de que há uma relação indissociável entre 'a ordem das ideias' e 'a ordem das coisas', ou seja, entre a mentalidade de uma determinada época e o conjunto das práticas humanas que marcam uma tal época de desenvolvimento, incluindo aí os diferentes aspectos da vida social, como a política, a religião, os costumes, a organização econômica, jurídica etc. O conjunto dessas práticas, que Vico nomeia 'ordem das coisas', expressa-se nos desdobramentos da linguagem que refletem 'a ordem das ideias'". (PEREIRA, 2012, p. 202).

Repete-se: o homem é o artífice da história. Todavia, é pertinente indagar sobre as características e transformações que são operadas pelo homem para que os fatos sigam o seu curso. Ao determinar o homem como ponto central da história, deve-se ressaltar que este homem é social. A ação social não se funda no inatismo originário, mas na estrutura existencial da condição humana. É razoável definir o homem, não somente como protagonista da história, mas como ser social. É justamente nessa dimensão de sociabilidade que reside o aparato educativo bem como o movimento simbólico que circunscreve o universo indígena.

A sociabilidade de Vico traz na sua essência a liberdade humana. Um princípio jurídico que leva em consideração que o arbítrio humano é centralizado na ação humana, ou seja, não se tem em Vico uma educação circular, pré-determinada

pela natureza e imbuída na repetição dos fatos como pensara Tucídides e Políbio, e nem mesmo uma história linear, fundada em uma escatologia determinista, como pensara Santo Agostinho. Ao contrário, tem-se uma história que os homens realizaram conforme a sua escolha e condições disponíveis para tanto. E é nessa visão que o pensamento de Vico é capaz de sobrepor análises que sejam capazes de contribuir para o uso da linguagem no universo indígena.

O mundo civil só é possível ao conhecimento porque é possível conhecer os homens. As instituições humanas transformam-se no tempo e configuram-se conforme as intervenções humanas. Com isso, a família, a religião, o direito, o estado são passíveis ao dinamismo essenciais dos fatos na medida em que desenvolvem novos arquétipos mediante as circunstâncias de necessidade do homem no mundo. Mesmo sendo um antagonismo pensarmos uma educação indígena em circunstâncias modernas, não podemos negar o alvorecer da ciência que surgiu no início da modernidade e sua operação na política, e, conseqüentemente, no regime civil de direito. Um exemplo dessa civilidade é o pensamento de Rousseau, quando afirma no seu pensamento o processo de renaturalização, ou seja, é obrigação das políticas sociais modernas, salvaguardar os valores da essência naturalista do homem. Nesse sentido, é obrigação do estado legitimar a linguagem indígena por meio dos instrumentos científicos e pedagógicos produzidos pelas ciências positivas. É possível analisar tal questão levantada por Vico na divisão da história em épocas históricas e aproximando-as da cultura indígena, pois para o autor, não é possível pensar o homem dentro de um sistema fixo, mas dentro de uma dinâmica no qual os elementos da história estão imbuídos dentro da nossa realidade ontológica.

### **3. AS ÉPOCAS DA HISTÓRIA**

A história é organizada em três épocas: a época dos deuses, a época dos heróis e a época dos homens. Ao observar o caráter antropológico das respectivas épocas, vê-se que os homens da época dos deuses desenvolviam a linguagem dentro de uma ordem panteísta, comumente ligada a natureza, como podemos observar nas comunidades indígenas tradicionais. Eram ligados aos sentidos e identificavam os fenômenos da natureza com a divindade dos deuses. O

pampsiquismo dos homens refletiu na sociedade civil com o surgimento dos rituais religiosos e da piedade, o que Vico denomina de teologia poética. As primeiras formas de governo eram teocráticas, ou seja, na sua infância histórica os homens acreditavam que tudo era orientado pelos deuses. A existência dos oráculos, a relação divindade-natureza e as organizações sociais humanas conforme tais princípios ilustram o surgimento de uma linguagem que compreende a realidade a partir de um discurso narrativo, caracterizando o surgimento das primeiras formas de coerção e sua singularidade refletida no direito natural.

A época dos deuses desenvolve internamente os caminhos de uma linguagem que aflora na época dos heróis. Em tal fase prevalece o domínio da fantasia sobre o pensamento no exercício da razão. A imaginação fantasiosa do homem cria heróis que são comuns em diversas culturas. Dessa forma, todas as nações teriam os seus Ulisses, Hercules, Aquiles e outros. Como assevera Jeager:

*A Ilíada* fala-nos de um mundo situado num tempo em que domina exclusivamente o espírito heroico da aretê, e corporifica esse ideal indissolúvel imagem tradicional dos antigos heróis, transmitida pelas sagas e incorporada aos cantos, e as tradições vivas da aristocracia do seu tempo, que já conhece a vida organizada da cidade (2013, p. 39)

A substância religiosa prevalece em tais heróis, o que faz com que em tal momento da história apareçam as primeiras formas de organização social, embora de natureza grotesca. Os heróis formavam uma classe, que posteriormente seria chamada de nobreza, enquanto as cidades passariam a ser edificadas. É por tal razão que esses homens, segundo Vico, eram chamados de “homens do arado”, embora tragam no seu ordenamento social a vida na cidade, tendo em sua vivência o ensino da “Técnica” e o espírito das leis na conectividade das epopeias mitológicas cantadas na religião pública.

O modelo grego das épocas das histórias segue um curso comum a qualquer civilização, sendo Roma um exemplo desse curso. De tais relações é possível perceber a divisão de classes. Os patrícios formaram a classe dominante e desenvolveram estados aristocráticos para sustentar o Estado, ostentando riqueza para a sua classe. Todavia, os Plebeus evoluíram e passaram a lutar por melhores condições de sobrevivência, que implicava conseqüentemente na luta pela terra. Fruto dessa luta surgiu a Lei das Doze Tábuas, a qual diminuiu a desigualdade social entre os cidadãos romanos.

Mas esse processo para o autor é um curso comum particular em vários momentos da história, como exemplo, podemos citar a epopeia do roubo do Fogo na mitologia Guarani:

“Os mestres do fogo são os corvos. É preciso roubá-lo deles, a fim de que os futuros habitantes da nova terra possam dispor dele. Personagens que pertencem ao mundo divino encarregam-se de cometer o roubo: heróis culturais, ou semideuses, ou mesmo Sol. Um deles finge-se de morto; os corvos chegam para cozinhá-lo e comê-lo. O falso morto chacoalha-se e espalha as brasas, e o sapo consegue engolir uma pequena quantidade delas que, uma vez vomitada, é colocada no interior de algumas madeiras determinadas. Bastará aos homens, doravante, produzir fogo pelo método da fricção. Notemos que, para os Guarani, a fricção não produz verdadeiramente o fogo, mas permite simplesmente extraí-lo da madeira, onde já se encontra enclausurado. Quanto aos corvos, despossuídos para sempre do fogo, transformam-se no que estavam condenados a se tornar: corvos, isto é, os comedores de carniça a quem não molestará o fedor da ‘coisa grande’, nome religioso do cadáver” (CLASTRES, 1990, 102-103)

Em tal análise é possível identificar os processos históricos como luta de classe, o que antecipa a história como luta de classes que aparece no pensamento de Marx. Na “tese sobre Feuerbach”, Marx diz que os filósofos tentaram compreender o mundo, vendo-o em uma determinada ótica, mas não o transformou. No frontispício da ilustração da ciência nova, Vico antecipa a crítica de Marx ao afirmar que os filósofos contemplaram a divina providência somente do lado da natureza:

“Por isso mesmo, o globo, isto é, o mundo físico e mesmo natural, está apoiado apenas num lado do altar: eis que os filósofos, até agora, tendo contemplado a divina providência apenas do ângulo da ordem natural, obviamente nos deram a demonstração de uma só parte dela” (VICO, 2008, p.79).

Partindo da realidade concreta das condições do homem, a linguagem narrativa mitológica, que na segunda era da história humana enfatizava o hibridismo dos heróis, ou seja, homens que participavam da natureza humana e divina serão substituídos por uma linguagem descritiva da realidade. Nesse momento passa-se para a terceira era da história, a era dos homens.

A era dos homens, que aparece na Grécia clássica e na Roma republicana, expandindo-se na era moderna é marcada por um evento político singular, a saber, a transformação das repúblicas aristocráticas em democráticas, o que rompe o radicalismo das relações de parentesco desenvolvidas pela nobreza. A prática da razão se imprime no raciocínio e funda a filosofia, em uma metafísica direcionada à

reflexão mental, e não à linguagem narrativa fantástica das eras anteriores. A filosofia passa a habitar o mundo civil, provocando a evolução da humanidade, o que não significa a não existência da “Barbárie”, que Vico denomina de “Barbárie da reflexão”:

Por outro lado, quando fala de uma ‘Barbárie da reflexão’ Vico também denuncia que, mesmo atingindo a idade da razão, nada garante que a humanidade esteja livre da bestialidade e da selvageria; ao contrário, aqui a razão totalmente desdobrada pode contribuir para uma barbárie ainda mais grave. (PEREIRA, 2009, p. 81).

O dinamismo das três épocas da história exerce no pensamento de Vico condições que refletem o comportamento humano. O fato de se superar determinada época não torna os homens livres das suas realidades subterrâneas. Essa tríade é um reflexo da psicologia humana e, nesse sentido, o imaginário prevalece como atividade mental, sendo tratado por determinadas correntes pedagógicas e desenhado no currículo moderno no universo das artes.

O hibridismo dos heróis permanece ativo nas relações de poder, porém transmutado para a atividade jurídica que não permite que os homens façam justiça com as próprias mãos, mas que contratem profissionais para apaziguar tais embates, o que também determina um âmbito pedagógico próprio do ensino jurídico. E por fim, a razão, que se tornou o modelo clássico do currículo das ciências exatas e naturais, vista no aparelho curricular ideológico da produção. A questão é que a condição humana não é capaz de atuar especificamente e unicamente em uma dessas três dimensões, pois os seres humanos são profundamente marcados por horizontes históricos pluralistas. Essa imagem por si, mostra que uma ideia de conceber “Direitos Humanos” pressupõe uma atividade genuinamente transcomportamental. É nessa pluralidade que reside o ponto fulcral do que foi proposto nesse trabalho, a saber, somos marcados por uma realidade linguística multifacetada, e manter essa performance é um meio de sustentarmos nossa identidade, elemento possível de legitimidade por meio dos processos educativos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A linguagem como gênese e fenômeno humano é estritamente pedagógica, multifacetada, mas universal por ser um dado intercultural das relações humanas. Para Vico a linguagem elucida as atividades humanas em prol da unicidade da

cultura humana. A linguagem é universal, ela diz o ser, e configura tanto o consciente quanto o inconsciente. Por meio dela, o obscuro pode ser investigado e problematizado na análise filológica que aproxima as pessoas das instituições, religiões e costumes do mundo civil. Tal proximidade é interna e não externa, não se trata de pensar a história como se a mesma fosse um histórico de restolhos de fatos inócuos, mas uma história dinâmica onde se pode analisar conflitos e superá-los.

Para Vico o homem é um ser “perturbado” por conta da sua atividade perceptiva e a poesia é a estrutura expressiva do ser “perturbado” do homem, pois, em tal condição, o homem não expressa uma linguagem articulada e racional. Não se trata de pensar a poesia como tradição, ou seja, imitação abalada da realidade, mas de perceber os elementos de criatividade e originalidade contida na expressão poética. Com isso, a poesia ganha notoriedade metodológica ao desenhar a expressão coletiva de todo um passado obscuro. Vico mostra bem essa característica quando concebe Homero como a representatividade coletiva do povo grego. Trata-se de adentrar no mundo dos sentimentos e paixões humanas que passam pelo mundo divino e costumes religiosos até o desenrolar de uma linguagem articulada vindoura.

Ressalta-se ainda que não se trata de estágios distintos e separados, porque está muito além de uma assimilação, mesmo parcial, dos estágios anteriores por parte dos que seguem posteriormente. O mito se aproxima da poesia estabelecendo validade de compreensão da história. Vico usa o termo “Universais Fantásticos” para designar o sentido do mito, que por estar desprovido de conceitos, recorre a uma linguagem fantástica, similar à poesia, para expressar de alguma forma tramas da vida humana em âmbito coletivo e político. Em tese, existe no pensamento de Vico uma centelha para se pensar a educação indígena nos seus elementos fundantes sem desvincular-se dos direitos humanos promovidos pela ética moderna, em especial no ápice da sua questão social.

## **5. REFERENCIAL TEÓRICO**

ABAGGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. De Ivone Catilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CLASTRES, Pierre. A fala sagrada, Campinas, Papirus, 1990.

GRASSI, Ernesto. Vico Y El Humanismo, Ensayos Sobre Vico, Heidegger Y Retorica. Barcelona: Anthropos, 1999)

LÖWITH, K. O Sentido da História; trad. Maria Georgina. – Edições 70.

HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo in Conferências e Escritos Filosóficos*; trad. Ernildo Stein. - São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. Ser e Tempo (Partes I e II). Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

VICO, Giambattista. Ciência Nova - Trad. Sebastião José. – São Paulo: Ícone editora, 2008.

FIKER, Raul. Vico: O precursor. Coleção Logos. – São Paulo: Editora Moderna. 1994.

PEREIRA, Antônio. PARADA, Maurício (org). Os Historiadores: Clássicos da História, in Giambattista Vico (1668-1744). Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2012

PEREIRA, Antônio. CARLOS, Antônio.(org.) MARIA, Cecília.(org.) HELFER, Inácio.(org.). História e Barbárie, in O riso de Ulisses: Sabedoria e Barbárie em Vico. Sergipe: Editora UFS. 2009

REALE, Giovanni. História da filosofia: De Spinoza a Kant. São Paulo: Paulus, 2003.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.